

MEMORIAL DESCRITIVO

Amilcar Bettega

Amilcar Bettega nasceu em São Gabriel, RS, em 1964. Formado em Engenharia Civil, é autor de *O Vôo da Trapezista* (1994), *Deixe o Quarto Como Está* (2002), e *Os Lados do Círculo* (2004, vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira). Participou das antologias *Alquimia da Palavra* (1993), *Contos de Oficina* (1993), *Caio de Amores* (1996), *Conto & Cidade* (1997), *O Autor Ausente* (1997), *Antologia Crítica do Conto Gaúcho* (1998), *O Livro dos Homens* (2000), *Contos sem Fronteiras* (2000) e *Geração 90: Manuscritos de Computador* (2001). Tem trabalhos publicados em jornais e revistas e mantém uma coluna quinzenal na revista eletrônica *Terra Magazine*. Recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura – Categoria Conto e Autor Revelação (1995), a Bolsa para autores brasileiros com obras em fase de conclusão, da Fundação Biblioteca Nacional (1999), e o Prêmio Portugal Telecom, de 2005. Participou, como escritor residente, da Ledig House International Writers' Colony, a convite da Ledig-Rowohlt Foundation (EUA, 1999). Vive em Paris, França. Este conto foi originalmente escrito para o livro *O Brasil Não Existe!* (São Paulo: Publifolha, 2007), a ser lançado em 2007, e gentilmente cedido para publicação nesta revista.

O que vou contar aqui é apenas uma parte da história. Parte de uma biografia. Que os fatos sejam ou não verificáveis não importa, não vai ser meu problema. Uma história é sempre uma biografia. Contar é antes de mais nada lembrar, vestir o corpo nu e virgem de nossa memória, construí-la contra o esquecimento e a eventual gratuidade de uma experiência que é única e pessoal. Contar é sempre uma forma de se contar.

Não fosse o convite para escrever um texto que abordasse o contraste entre aquilo que acalentamos em sonho, aquilo que imaginamos para nós mesmos e o que de fato é, e o que de fato somos, essa parte da minha história talvez ficasse ainda mais um tempo guardada. Mas tenho certeza de que um dia, cedo ou tarde, eu seria empurrado de volta àqueles anos de fim da faculdade e início da carreira profissional, o que aliás tem muito a ver com o embate entre o que se idealiza e a chã realidade. Ideal x real, é também isto o que está na base da literatura, ou do trabalho do escritor. A construção do texto. Tem-se em mente alguma coisa que se deseja expressar, toma-se a caneta, o papel e começa-se a escrever. Mas o texto é sempre uma adaptação do ideal. O texto é texto, inventado para expressar algo que não é texto. Não existe palavra exata, portanto não existe palavra verdadeira. A escrita vai ser sempre o resultado de uma fuga, uma mentira. Escrevo e não avanço. Ou melhor, avanço em outra direção.

★

Um dia pensei um conto que começaria assim:

Projetar uma obra é muito diferente de realizá-la. Todos os engenheiros de obra que conheci nutriam pelos arquitetos um doce desprezo que se traduzia por certa complacência com que obedeciam seus croquis, suas plantas, suas soluções de gabinete, seus sonhos ingênuos embalados pela fragrância de lavanda de um escritório asséptico e de luz fria, pelo rumor constante do ar condicionado. Engenheiros de obra são homens do terreno, do corpo-a-corpo, que pisam no barro e transpiram sob o zinco dos contêineres que lhes servem de escritório.

Fui engenheiro. De obra. E o que vou contar aqui faz parte da biografia desse engenheiro, uma parte da minha história. A época é o fim dos anos 80 e estamos no sul do Brasil. Extremo sul. Mais precisamente na fronteira entre o Brasil e a Argentina, na cidade de Uruguaiana, a 630 quilômetros a oeste de Porto Alegre. Gosto das precisões, é um resquício da predileção pelas ciências exatas que me acompanha desde a adolescência e que, depois, na falta de uma convicção vocacional mais firme, acabou me empurrando para o curso de engenharia. Além disso, dados precisos ajudam a assentar o relato, me dão mais segurança na hora de relembrar momentos que hoje, quase vinte anos depois, e no instante mesmo de relembrá-los, vejo-os cercados de dúvidas a tal ponto que já não sei se o que lembro se passou de fato como eu me lembro ou se o que lembro é uma invenção, uma justificativa, uma desculpa que serve de parede a encobrir uma verdade mais profunda, que eu sei inacessível. Mas o certo é que são lembranças que pertencem a um período infeliz da minha vida, um período em que acreditei, ou fingi acreditar, que o caminho que escolhera era o mais adequado para me conduzir à realização daquilo que projetara para mim.

Até que um dia eu pensei um conto. Mas isto já é outra história.

★

Nasci em 64, ano emblemático para a história do nosso país, mas já tão desgastado pelo uso indiscriminado que o ponho aqui apenas como dado biográfico, para que o leitor se situe um pouco em relação a essa voz que vai lhe contar a história – e feito isso, convido-o ao esforço de abandonar, desde já, qualquer outro tipo de referência.

Eu estava portanto no frescor dos meus vinte e poucos anos em 87, quando depois de me formar em engenharia civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul comecei a responder a todos os anúncios que eram publicados nos classificados dos jornais e que ofereciam vagas para engenheiros. Já havia sido explorado como estagiário em algumas construtoras antes de me formar e rapidamente percebi que continuaria a sê-lo como recém-formado em outras ou nas mesmas firmas.

Lembro ainda da entrevista de seleção, nas acanhadas instalações de uma construtora em Porto Alegre que, contudo, crescia a passos largos e que dois anos depois se instalaria em uma sede própria, novinha em folha, projetada e construída para este fim, e cuja obra eu mesmo terminara, sendo o último de uma longa lista de engenheiros-responsáveis-pelo-canteiro que iam embora todos, ou eram mandados embora, por incompatibilidade com o dono da construtora, o chefe, figura curiosíssima do ponto de vista psicológico: arrogante, prepotente, do tipo que semeava o terror entre seus empregados à força de uma necessidade permanente de auto-afirmação que na prática podia assumir tonalidades perversas quando, não raras vezes, descambava para a humilhação pública. Tão ambicioso quanto sem escrúpulos, encarnava o protótipo do empresário escroque que, não sem razão, povoa o imaginário da sociedade que eu ia dizer brasileira mas que corrijo a tempo: o imaginário de toda e qualquer sociedade formada na sua maior parte por pessoas que trabalham honestamente e em troca de um salário que, elas sabem, nunca as enriquecerá; crença que, com os pesos da desilusão e do cansaço que os anos trazem, acaba derivando para uma segunda variante, mais radical e um tanto rancorosa, ainda que com largo fundo de verdade: a de que nenhum trabalho honesto é capaz de enriquecer quem quer que seja. Corria a história que o homem fora criado por um casal de tios com bons recursos materiais, e que mais tarde, através de uma falcatura financeira, apoderara-se dos bens desses mesmos tios que, para fechar a intriga ao feitiço do pior dos dramalhões, terminaram seus dias sem nenhum tostão num asilo para idosos. Histórias. É fácil contar histórias. Mais difícil é contar a própria história, ou contá-la de forma que haja um sentido em contá-la.

★

A obra de Uruguaiana era a grande obra de uma empreiteira que sonhava alto, a maior até então já contratada, motivo de orgulho para todos os funcionários que “vestiam a camisa”, como gostam de falar os dire-

tores, tanto os das construtoras como os de clubes de futebol. A partir daquela obra a construtora assumia um outro porte, passava a um outro patamar. E concretamente: o valor do contrato representava a soma de todos os contratos que normalmente eles conseguiam fechar durante um ano inteiro. Tratava-se de um enorme terminal de cargas de uma empresa de transportes internacionais, e dois engenheiros foram designados para tocar o canteiro: um já com alguns anos de experiência – sênior, no jargão das consultorias de recursos humanos –, aquele que respondia junto à direção e ao cliente pelo andamento da obra e por tudo o que se passava no canteiro, e outro que estava iniciando, o júnior, mas em quem, no entender dos diretores (e dos consultores RH), valia a pena investir e formar. Ele, o júnior, estava lá para auxiliar e aprender, para repassar ordens mais do que para dá-las ou executá-las.

E ele, no caso, era eu, que trazia no currículo duas pequenas obras já finalizadas para essa mesma construtora, e que tinha poucos anos de formado e era jovem e ingênuo o suficiente para engolir o discurso RH de que o investimento era mútuo e que isso em parte justificava o salário oferecido, que, reconheci, estava aquém do salário de um engenheiro – razão pela qual na página 17 da minha carteira de trabalho está anotado que nesse período da minha vida exerci as funções de estagiário de engenharia, mesmo que à época eu fosse já titular de um diploma superior. Dentro desse mesmo *modus operandi*, o salário “de engenheiro” anotado na carteira do sênior era o mínimo regulamentar, que era completado por um pagamento por fora e em espécie, sem nenhum rastro contábil.

Nada disso é novidade para quem conhece um pouco o meio da construção civil. Aliás não tenho a pretensão de contar aqui o que ninguém conhece. Toda a gente sabe que no Brasil a posição do empregado, em quase todos os níveis e setores, é antes de mais nada uma posição de fragilidade. Se alguém um dia sonhou com algo diferente, a esta altura já deve estar bem acordado e encarando o pesadelo.

Montar um canteiro com 250 peões em uma cidade da fronteira-oeste gaúcha, por exemplo, pode virar um pesadelo, ou ser mesmo a própria construção do pesadelo. É preciso buscar gente nos arredores, colocar anúncios nas rádios das cidades vizinhas, recrutar o pessoal nas vilas, bater à porta das casas e trazer de camionete. O grosso da mão-de-obra, portanto, vem de fora, gente que deixou a família longe, gente que estava sem emprego, gente acostumada ao campo e ao manejo do gado e que de repente vai se ver com uma pá e a colher de pedreiro nas mãos. Então é preciso acomodar todo esse povo. Constrói-se um grande alojamento: enfileiram-se ao longo do canteiro barracos de 3 x 4 em placas de compensado e com dois beliches de dois lugares cada um, o piso é de tijolo, e um kit “vaso sanitário-pia-chuveiro” é intercalado a cada conjunto de 6 barracos. Faz-se um refeitório grande o suficiente para receber os 250 de uma só vez durante a hora designada para o almoço. E já um pequeno rumor de vida começa a se instalar. De dia o trabalho duro, a fadiga dos músculos, à noite a recompensa de um prato de arroz, frango e batata, talvez o baralho, uma viola e a cachaça. À medida que a obra vai ganhando forma dia após dia, criam-se relações de amizade, de hierarquia, de liderança, de submissão, de inveja. Ambiente integralmente masculino, o canteiro que tem peões alojados guarda certo paralelo com a prisão. Espaço e liberdade reduzidos, ausência de privacidade, instalações precárias e insalubres, isolamento da família, álcool, homossexualismo, disputa de poder, intrigas, rixas pessoais, troca de influências, ou seja, tudo o que corrói e ao mesmo tempo sustenta um ambiente deste tipo, tudo o que é capaz de torná-lo um pesadelo e ao mesmo tempo de mantê-lo num nível aceitável de pesadelo, impedindo que a coisa estoure de vez.

Mas só agora, lembrando e escrevendo, é que consigo enxergar dessa forma a experiência do canteiro. E sinto que é só deixando que as lembranças e as palavras me venham é que vou descobrir o que de fato significou essa experiência e o que de fato quero contar. Sei bem que se eu

fosse seguir à risca o que me foi solicitado, seria aqui o ponto onde me concentrar: o peão de obra, o trabalhador brasileiro pendurado nos andaimes de uma estrutura perversa que se serve dele próprio como andaime e cimento e ferro. O trabalhador brasileiro? O peão de obra?

E quem são os pingentes? Quem são os bêbados? Quem são os príncipes? Quem são os náufragos? Quem são os pássaros? Quem são os tímidos? Quem são os flácidos? Quem são os pródigos? Quem é o público? Quem é o tráfego? Quem é a máquina? Quem é o máximo? Quem é o próximo? O trabalhador brasileiro? O peão de obra?

★

O velho lobo do mar. Raposa velha, tarimbado por anos de trecho, sempre uma piadinha na ponta da língua, amigão da peonada, do mestre-de-obras, carcará na espreita. O homem se aposentou numa dessas empreiteiras grandonas que constroem quase que só para o governo, licitações milionárias, números gordos. Lá, não devia ser peixe grande, mas aprendeu direitinho. Todas as manhas, todos os recursos, principalmente os ilícitos. Andara por todo o Brasil, o Brasil dos fundões, mas freqüentara também alguns gabinetes e aprendera que por tais circuitos a via torta é sempre o caminho mais curto.

Pois se aposentou e foi vender a experiência. Foi apresentado como supervisor geral de obras, num grande almoço organizado para este fim com todo o quadro de engenheiros. Era o homem que iria ao campo, visitar as obras, fazer a ponte entre os canteiros e a sede, sempre em ligação direta com o chefão.

Na primeira visita, no primeiro dia, convidou o fiscal da obra para jantar. Era preciso conhecer aquele que todos os meses liberaria as faturas. A identificação foi rápida, pois o dito fiscal fazia também o tipo bonachão, esperto, anos de praia. Contratado pelo dono da obra para supervisioná-la em tempo integral, era o olho do cliente no canteiro. O tempo todo lá, com escritório montado e tudo. Mas também ele estava ali

como nós e como todos: longe de casa, respirando obra a semana inteira, entre noites de hotel e a comida de qualidade média de restaurantes médios de cidades médias no interior profundo do Rio Grande do Sul.

Fomos os quatro: o sênior, o velho lobo do mar, o fiscal e eu. Nenhuma palavra sobre trabalho. Caipirinhas antes do espeto corrido e muita cerveja durante e depois. Piadas, histórias, principalmente em torno de mulheres, principalmente putas: as aventuras do macho longe de casa, liberado momentaneamente da prisão familiar de um casamento insosso: o homem do trecho. Evidentemente terminamos a noite na zona. No outro dia, cara inchada, estômago embrulhado, fígado maltratado, a cumplicidade já estava estabelecida, éramos todos velhos companheiros de farra.

Para falar a verdade, nunca soube se o tal fiscal teve outra coisa além dos jantares regados a muito álcool e as noites de putaria que se repetiam a cada visita do velho lobo do mar a Uruguaiana, ou seja, no mínimo uma vez por mês, e sempre um pouco antes da data prevista para a medição dos serviços e respectivo faturamento.

Tinha o perfil do venal. Ou melhor, passava essa impressão, porque de concreto nada se podia afirmar. Eu, pelo menos, não podia e nem posso afirmar nada. Tinha a “lata”, a “pinta”, um certo brilhozinho no olhar, mas é tudo. Eu não poderia ir além disso. Não era por aí. O homem era outro.



O homem, o chefão, trabalhava sério. Ninguém me contou, vi com meus próprios olhos. A campanha para governador do Estado estava polarizada, como sempre são as coisas no sul. Ainda antes do primeiro turno já se sabia quais seriam os dois candidatos que disputariam o segundo. Mas sempre chega um momento em que a campanha se acirra. E quando uma campanha se acirra, todo mundo sabe, o que mais se precisa é de dinheiro. Busca-se em qualquer lugar, desesperadamente, sem considerar a procedência. Pois o homem, o chefão, estava agarrado aos dois candidatos, namorou, bajulou, emprestou carros, pôs à disposição a estrutura da empresa,

fez parte da equipe informal de colaboradores que organizava os planos de governo, prestou favores. Aos dois e ao mesmo tempo. Um dia vi. Era um que chegava pela porta da frente, cumprimentando as moças da recepção com aquele sorriso chapado que têm todos os políticos em campanha, enquanto o outro saía da garagem num carro com chofer e talvez algum assessor, submersos todos numa escuridão de vidros fumê.

Até que a coisa clareou. As pesquisas começaram a mostrar a evidência, a gangorra pendera definitivamente para um lado, não havia mais volta. Pois também lá com o homem não houve mais volta. O candidato que ficara para trás, ali não era mais recebido. A torneirinha fechara, agora correndo apenas para um lado.

Já não sei qual foi a pasta, mas imagino que dois ou três cliques num site de busca na internet vão nos dar o nome da secretaria que o nosso homem comprou. E o ano de 1991 iniciou com o chefe posando de secretário de Estado, no seio do governo, dando as cartas.

Foi o seu apogeu. Dizem que suas ambições apontavam mesmo para o governo do Estado quatro anos mais tarde, mas durou pouco a carreira política do maior picareta que já conheci. Tinha demasiado rabo preso, nem sei se completou um ano na equipe do novo governo. Foi devorado por uma máquina de triturar gente muito mais poderosa do que a dele. Não sei que fim deu. Perdi-o completamente de vista quando resolvi me olhar de frente e ir atrás do que há anos me parecia pura fantasia. Porque no fundo, a verdadeira farsa era aquela minha realidade, ali, naquele momento. E se isto aqui é a história de uma farsa, de uma covardia, não é a dele, que deixarei talvez para uma outra vez.

Mas farsa ou não, covardia ou não, achar o tom certo para contar é sempre difícil. Talvez me bastasse desde o início partir para um conto ou outra ficção que ostentasse claramente esse pressuposto. Mas seria um truque fácil e de resultado duvidoso. Escolher a forma de um relato é decidir o que ele vai relatar.

Era uma sexta-feira, isso é certo, e acho que agora conto. Era dia de pagamento, e dia em que não se faz serão na obra. Às cinco da tarde o canteiro se esvazia e um grande silêncio desce sobre o local. Tem-se a impressão de que alguma coisa muito grande adormece. Todo o furor, toda a agitação, todo o barulho de britadeiras, furadeiras, betoneiras, guinchos, guindastes, gruas, serras e martelos pneumáticos, tudo se cala, se recolhe, e a obra se abandona a uma espécie de silêncio mineral, que de tempos em tempos os passos lentos do vigia ou o rádio ligado em um dos barracos cortarão. A obra repousa, há como que uma passagem para outro nível, e parece que aí ela ganha alma, um traço quase humano.

Por isso, sempre que me recordo desse dia e da rápida conversa que tive com o homem, o outro, vem-me a impressão de que ela, a obra, nos escutou, que algo ficou registrado em sua memória. Nunca mais voltei ali, naquele preciso local, acho mesmo que nunca mais voltei a Uruguiana, mas tenho a impressão de que se ainda hoje eu colocasse os pés naquele canto do pátio, ouviria o murmúrio daquele espaço a trazer de novo até o meu presente o que os anos tornaram apenas uma lembrança difusa.

Foi na parte externa do que seria mais tarde o grande pavilhão de armazenagem das cargas, próximo ao (que seria mais tarde) conjunto de oficinas para a manutenção dos caminhões. Duas construções que até então só existiam nas nossas cabeças de engenheiros e mestres-de-obras que tinham já decorado todos os traços de todas as plantas que manuseávamos diariamente, e que ainda por cima dormiam pregadas nas paredes de compensado do escritório e em nossas retinas cansadas. Estávamos longe ainda de começar a fase de pavimentação externa, por isso havia montes de terra revirada por todos os lados. Íamos iniciar os aterros para depois assentar o “pavi-s”, e por isso também aquela montanha de pequenos blocos de concreto em forma de “s”, que fabricávamos no próprio canteiro. A terra e os blocos nos cercavam criando um espécie de oco, uma cápsula

que nos acolhia ao mesmo tempo que nos isolava de tudo o que se passava à volta. A pavimentação da extensa área externa representava o item mais substancial do orçamento, e por isso não podíamos descuidar, era ali que a obra poderia se tornar extremamente rentável. Por isso todo o orçamento fora montado em torno daquele item e de sua relevância.

Por isso ele estava ali. O cliente sabia que também não podia descuidar. Por isso ele fora contratado, para atestar sobre a qualidade dos aterros, já que o assunto extrapolava a competência do fiscal e que, ao contrário, era a especialidade daquele modesto funcionário da sucursal do DAER na região, onde ingressara por concurso público ao fim de um curso profissionalizante de técnico em edificações, com a intenção e a certeza de lá ficar a cumprir suas horas em troca de um salário que nunca seria grande coisa e a bater o ponto por anos a fio até a aposentadoria sem que ninguém o incomodasse muito.

Por uma astúcia na forma de apresentar o orçamento, o item da pavimentação poderia ser desmembrado e, conseqüentemente, faturado segundo fases que normalmente não se distinguem. E o que até então era uma carta na manga do chefe, mediante uma necessidade urgente de levantar dinheiro de qualquer jeito – o que mais tarde, com mais distância e ligando as pontas, eu compreendi perfeitamente –, tornou-se carta na mesa, jogada de mestre, sem blefes.

Não quero entrar em detalhes técnicos maçantes e inúteis, mas é só para dizer que, pela estruturação do orçamento, um aterro relativamente simples de ser feito poderia ser faturado – este faturamento representado uma boa parte do item “pavimentação” – sem que um só bloco de concreto fosse assentado. Quando o cliente percebeu que iria pagar quase que inteiramente o item mais pesado do orçamento com a obra ainda em fase quase que inicial, ele tratou de se proteger e exigiu que parâmetros de execução de aterros, dificilmente cumpridos na prática mas regulamentado por normas técnicas ultrapassadas, fossem verificados.

Por isso ele estava ali. O homem. Para atestar a qualidade dos aterros, ou melhor, para não atestá-la, para dizer que os índices de compactação não tinham sido alcançados, como não o são de fato em noventa por cento dos casos.

Era um tipo grande, corpulento, e ainda hoje sou capaz de lembrar de alguns traços de seu rosto bovino: os lábios pendentes e sempre úmidos, por exemplo, que davam a impressão de que a qualquer momento um fio de baba penderia daquele pedaço de carne flácida. Esforçava-se por ser simpático, e dentre as frivolidades que preenchiam os muitos espaços vazios das nossas conversas profissionais em torno do cafezinho no barraco do escritório ou durante as visitas ao canteiro, ele falava sempre em futebol e, pelo menos uma vez, falou de suas duas filhas de sete e nove anos e de quanto eram apegadas a ele.

Acho que naquela sexta-feira, naquelas poucas palavras que trocamos protegidos pelas pilhas de terra e de blocos de concreto, ele disse alguma coisa a respeito das filhas, não sei bem por que mas tenho essa vaga lembrança. A perturbação que sentia naquele momento impede que hoje eu me recorde com exatidão de como tudo se passou e de todas as palavras que nos dissemos. É provável até que não tenha dito nada, eu, como não raro me acontece em situações em que me sinto muito contrariado – o que acaba reforçando ainda mais minha contrariedade, e frustração, por não torná-la evidente ao meu interlocutor. É bem possível que eu tenha apenas tirado o envelope do bolso e lhe estendido sem olhá-lo na cara, no máximo com um quase inaudível “isso é pra ti”.

Porque não havia necessidade de dizer nada. Tudo já havia sido dito entre ele e o velho lobo do mar, provavelmente num barzinho à beira do rio Uruguai, entre cervejas estupidamente geladas e peixe frito. Já tínhamos sido avisados, o sênior e eu, de que não precisávamos nos preocupar, que o parecer sobre a qualidade dos aterros e o consequente faturamento estavam garantidos. O velho lobo do mar, a raposa velha ga-

rantia, ele já conversara com o homem, já acertara tudo, já marcara seu ponto junto à direção, já “salvara” a obra, a empresa ia levantar a grana que precisava, era só lhe passar o envelope.

Ah! O velho lobo do mar. Ele já dera a sua cartada, já fizera a sua parte. Já pagara com folga o seu salário, o meu, o do sênior, o salário de todo mundo naquele raio de obra. E fora embora, voltara para Porto Alegre, descansara no sétimo dia, porque agora é com você, meu filho. Vai lá, vai ter que sujar as mãozinhas também. Você vai ver que não dói nada, que é só uma questão de se acostumar. Vai lá, meu rapaz, vai que está todo mundo esperando e a gente não tem o dia inteiro. Vai lá, filho da puta, vai perder o teu cabaço de uma vez, vai engolir a tua moralzinha de merda, você vai ver que ela nem é tão firme assim, que desce fácil fácil. Difícil é a vida, meu filho. Difícil é comer a bosta que essa turma come após se esfaltar um dia inteiro quebrando pedra. Difícil é depois de velho ainda ter que pegar um ônibus e fazer 600 quilômetros em uma noite para resolver pepino de obra quando já podia estar em casa de chinelos e brincando com meus netos. Você está recebendo tudo mastigadinho, meu filho. O velho aqui já fez tudinho pra você. O negócio já está acertado. O homem já foi conversado. É só lhe passar o envelope.

Era só lhe passar o envelope. E eu lhe passei o envelope.

Mas lembro muito bem que a minha vontade era de lhe dar um murro no nariz, sabendo ao mesmo tempo que era a mim próprio que eu gostaria de atingir. Eu não podia deixar de me ver espelhado na placidez, na apatia, na passividade, na miséria moral daquele infeliz que me estendia a mão para receber um envelope com dinheiro cuja quantia mal alcançava o que a empresa gastava por mês com nossas passagens de ônibus entre Uruguaiana e Porto Alegre. E também não podia deixar de reconhecer naquele ato de estender o envelope ao homem, ou na minha incapacidade para me negar a fazê-lo – uma incapacidade que eu via como total impossibilidade, fundada no medo tacanho de perder o em-

prego ou na minha covardia psicológica para desobedecer a autoridade ou, e isso resumia tudo, na minha postura infantil e omissa diante da vida que reclamava minha intervenção – pois eu não podia deixar de reconhecer no meu gesto de passar o envelope com dinheiro para o homem, o ar de canalha que acompanhava cada gesto do velho lobo do mar, o vício de seus métodos podres e até mesmo seu sorrizinho estudado de rato de praia que servia apenas para revelar de forma ainda mais evidente o pobre-coitado que ele era, mais um, mais uma peça na engrenagem. E também reconhecia ali, claro, a prepotência também covarde do chefão: era ele que estendia a grana para o outro, mas se servia de mim para fazê-lo. Humilhava-me, assim, para seu regozijo ou quem sabe pela impossibilidade de agir de outra maneira, e talvez me testasse, como já me testara outras vezes durante seus rompantes de patrão, daquele que paga a merda que você caga e que por isso se acha no direito de cagar na sua cabeça, talvez ele me testasse, como se eu fosse um elástico cujas pontas ele esticava para ver até onde eu poderia ir, para ver quando eu iria rebentar.

Acho que nunca mais voltei a Uruguaiana. Não viajei para Porto Alegre naquela noite, como fazia todas as sextas-feiras. Sábado de manhã fui passear em Paso de los Libres, no lado argentino, e almocei um bife de chorizo y papas fritas. Tomei o ônibus à noite. Amanheci em Porto Alegre, no domingo. E na segunda-feira pedi minha demissão. Acho que desde que ingressara na faculdade era meu primeiro não, e consegui vislumbrar nesse não o vestígio de uma força poderosa. De certa maneira eu sabia, ainda que na minha cabeça não estivesse claro nem decidido, que mais do que o emprego eu estava abandonando outra coisa. Não era uma desistência, ainda que um certo sentimento de fracasso tomasse conta do meu espírito. Não havia nada do que desistir. O que eu estava fazendo era deixar de ser omissa em relação a mim mesmo, estava começando a escrever o conto que um dia imaginei.

Projetar uma obra é muito diferente de realizá-la. Talvez tenha sido aí que pela primeira vez escrevi na minha cabeça essa frase que ainda hoje me martela. Entre o projeto e a realização há quase sempre um abismo que é preciso preencher do jeito que dá, da melhor maneira possível. De certa forma, realizar é dizer não ao projeto, é o não-projeto.

Pensar um conto é muito diferente de escrevê-lo. Cantarolo mentalmente a letra de uma canção de Chico e me pergunto se o Brasil existe. O que é o Brasil? O Brasil por trás de todos os clichês de praxe, que têm o pé na verdade mas que continuam estáticos, congelados na preguiça mental que desafia os anos e capacidade de ir além: políticos corruptos, desigualdade social, má distribuição de renda, política do jeitinho, povinho preguiçoso, o Brasil não existe.

Um dia, bem mais tarde, eu pensei um conto que terminaria assim:

Foi Flaubert que disse: “O Brasil sou eu”. O Brasil é você, meu caro leitor. O Brasil são eles. O Brasil existe. Não é obra de uma ficção. Não é obra de ficção.